

CENTRO DE GOIÂNIA: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADES¹

WILTON MEDEIROS – PPG-UFG

Por que voltamos ao centro? A centralidade é uma das características do fenômeno urbano. Mas os centros antigos são homólogos aos mapas de memórias de pioneiros e antigos moradores. O centro é o cerne do conteúdo sócio/espacial/cultural tanto para seu planejamento inicial, na década de 30, em Goiânia, quanto para a expansão urbana que se dá ainda hoje. Em se “trabalhando” a memória, dá-se “presença ao passado para dar significado ao presente”. Estou me referindo a uma reconstrução da paisagem da memória muito mais presente no “texto” que se observa e que se ouve na fala e nos vestígios dos pioneiros do que propriamente na materialidade tangível da arquitetura ou do urbanismo.

Portanto, o estudo das memórias - de pioneiros e antigos moradores, mas podemos incluir também de arquitetos-urbanistas - se torna referencial para a compreensão das diferentes concepções de patrimônio e identidade e o acervo de conhecimento das construções imaginárias podem estar relacionadas ao planejamento da cidade. Além disso, é um contraponto para olhar crítico que compreende “lógica cultural” como discurso que impulsiona a arquitetura e a cidade contemporânea. Corrobora, portanto, para uma compreensão mais ampla sobre a consolidação dos discursos e implementação de recentes projetos de tombamento, revitalização, requalificação, restauração ocorridos no centro da cidade, fundamentados no discurso arquitetural do estilo Art Déco ou na idéia muito disseminada de preservação cultural/ambiental.

As duas “duas cidades”² são melhores evidenciadas enquanto origens históricas/políticas e conteúdo sócio/espacial/cultural quando são estudadas as memórias coletivas de seus pioneiros e antigos moradores. Dessa forma, descortina-se também um conhecimento do espaço-tempo da cultura local, e percebe-se uma imagem da cidade que não

é composta exclusivamente de elementos físicos e estáticos, é como rever a imagem da cidade através da lente do “novo patrimônio”³. Pela lente do “novo patrimônio”, a cidade é mais que tecnológica, mais que sistema urbano.

A tomada recente do centro de Goiânia como foco da política cultural do IPHAN 14^a regional coincide e se intensifica consideravelmente após a conquista de Patrimônio da Humanidade pela cidade de Goiás, primeira capital do Estado. Tal titularidade concedida pela UNESCO impulsiona a cidade de Goiânia a considerar o seu passado. O passado é hoje, antiteticamente⁴ à concepção a respeito de progresso de setenta anos atrás, fonte de riqueza, conteúdo simbólico e material para uma nova concepção de desenvolvimento (sustentável).

Ironicamente, a cidade de Goiás, que era símbolo de atraso, de subdesenvolvimento, passa a ser símbolo de desenvolvimento (sustentável), exemplo a ser seguido! Após o título de Patrimônio da Humanidade pela cidade de Goiás, invertem-se paradigmas e valores, expõe-se uma nova tecitura na trama dos jogos de poderes, confirma-se o que diz Izabela Tamasso⁵, em sua dissertação de mestrado: (...) “a preservação dos patrimônios se dá envolta a uma luta pelo domínio material e simbólico dos bens patrimoniais” (p. XXI).

Os discursos sobre o passado, ganham hoje uma outra conotação, bem diferente daqueles que na década de 30 embasaram a construção de Goiânia, nova capital, símbolo de progresso. Subitamente passa-se a considerar e valorizar o passado. E não é à toa que a “revitalização⁶ de Goiânia” tem sido o principal discurso que legitima as obras públicas que a atual Prefeitura tem realizado na cidade.

Sete décadas depois da criação de Goiânia, coincidentemente após a titulação da cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, tanto o plano urbanístico quanto o estilo *Art Déco*, porém, mais especificamente o estilo *Art Déco*, passam a caracterizar o que HOBBSAWN 1984 chama de **invenção das tradições**, o discurso empregado pelos que atualmente estão preocupados em gerir o patrimônio cultural goianiense. O *Art Déco*, símbolo de modernismo e modernidade no passado, passa a ser símbolo de tradição no presente.

Contudo, a questão que se coloca é se podemos pensar como Arantes 2000, que diz que reconsiderações de *monumentos*⁷ e patrimônios são redundâncias presentes em concepções de cidades-monumento ou cidades-museu, travestidas de cidades-espetáculo para o consumo⁸. Resta saber, com a pesquisa, se esse é o caso de Goiânia. Essa problematização levantada confirma que “a preservação dos patrimônios se dá envolta a uma luta pelo domínio material e simbólico dos bens patrimoniais”⁹.

O fascínio pelo centro, é uma marca da *episteme* moderna – presente nos discursos que defendiam a mudança da capital federal para o Planalto Central –, e materializa-se no desenho urbano que Atílio Correia Lima¹⁰ fez para dar rosto ou identidade moderna para Goiânia e Goiás – década de 30. Atualmente esse centro – que pode ser representado pela Praça Cívica –, está entrelaçada com outras centralidades.

Para, além disso, as periferias de Goiânia se abraçam com alguns municípios que formam a atual Região Metropolitana¹¹. Entretanto, pesquisas que elaborei junto às chamadas “comunidades de memória”¹² de Goiânia, apontam o centro antigo da cidade como um espaço-âncora “desfragmentador” urbano, na medida em que este se configura como tal nos “trabalhos de memória”¹³, dando sentido para a “cidade antropológica” e orientabilidade para a “cidade tecnológica” no espaço-tempo presente.

¹ Wilton Medeiros. Arquiteto, doutorando em História (UFG).

² MEDEIROS, Wilton. 2002 – As duas cidades. In **Revista Sociedade & Cultura**. Departamento de Ciências Sociais, FCHF/UFG. V. 5, n. 2. Goiânia.

³ JEUDY, Pieere. – 1990. Memórias do Social. Forense Universitária. Rio de Janeiro.

⁴ Armando Augusto de Godoy, engenheiro carioca convidado para avaliar as condições para a criação de uma nova capital no Estado de Goiás na década de 30, dizia que (...) “riquezas extraordinárias ainda não puderam ser exploradas por vários motivos, entre os quais o de não ter ainda surgido uma cidade moderna” (Relatório apresentado ao Dr. Pedro Ludovico, interventor no Estado de Goiás. In Celina Manso).

⁵ Dissertação de mestrado em Antropologia UnB.

⁶ Segundo Vicente Del Rio “Os novos modelos urbanísticos de *revitalização urbana* invertem a lógica modernista e seus modelos positivistas, onde a busca pelo ideal racional-tecnicista gerava a renovação urbana indiscriminada e construía ambientes simplórios, assépticos e desprovidos da riqueza socio-cultural típica dos centros urbanos tradicionais”.

⁷ No dizer de Rossi (2001), *monumentos são fatos urbanos primários*.

⁸ Otília Arantes, “O lugar da arquitetura depois dos modernos”.

⁹ TAMAZO, I. – 1997. **Tratorando a História**. Unb. Dissertação de Mestrado.

¹⁰ Arquiteto e urbanista autor de projetos urbanísticos para diversas cidades e capitais no Brasil.

¹¹ A Região Metropolitana de Goiânia é composta de 21 municípios.

¹² Categoria antropológica empregada por Manuel Borjas em sua Tese de Doutorado na Universidade de Brasília.

¹³ WOORTMANN, Ellen F.- 1998: “Homens de Hoje, Mulheres de Ontem – Gênero e Memória no Seringal”. In FREITAS, C. (org.) – **anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da UCG**. Editora UCG, Goiânia.